



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação das “Empresas mais Admiradas no Brasil”, em comemoração do aniversário da revista Carta Capital

São Paulo-SP 30 de agosto de 2004

Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Meu companheiro José Dirceu, ministro-chefe da Casa Civil, em nome de quem eu quero cumprimentar a todos os ministros que estão aqui,

Meu companheiro Mino Carta,

Meu caro Abram Szajman,

Meu caro Paulo Secches, presidente da InterScience,

Meus amigos, minhas amigas,

Meu caro Piva, presidente da Fiesp,

Meus amigos prefeitos,

Deputados,

Empresários premiados,

Como eu tenho um problema de horário no aeroporto de Congonhas, eu volto para Brasília hoje. Eu não vou ler o discurso, porque eu não posso perder o avião por minha própria culpa. Se fosse pela sua... Mas, eu queria dizer para vocês da alegria de poder participar de um evento em que a revista Carta Capital e a InterScience, que num critério muito próprio do século em que estamos vivendo, escolhem as empresas mais admiradas do Brasil.

E eu penso que para vocês, que receberam o prêmio, isso deve ter um significado muito importante. Eu fico imaginando o orgulho que cada um vai ter em colocar esse prêmio na prateleira, no escritório da sua empresa ou na sala de troféus, porque toda empresa tem uma sala de troféus. Esse prêmio, que é simbólico, num momento em que o Brasil está carecendo de bons exemplos,



num momento em que o país coloca a auto-estima do seu povo como um instrumento para que as coisas dêem cada vez mais certo no Brasil.

Eu penso que esse prêmio retrata um pouco do avanço que nós estamos tendo na sociedade brasileira. Eu digo isso, porque eu comecei a minha vida muito jovem, tendo reuniões com empresários. E eu fico imaginando, lá pelos idos de 1970, 74, 75, que era quase impossível acontecer um ato de conagração em que uma revista, com forte conteúdo de oposição a quem quer que estivesse no governo, premiasse um grupo de empresários pelas suas boas políticas de desenvolvimento dentro da empresa mas, sobretudo, levando em conta a relação dessas empresas com as políticas sociais que praticassem ou individualmente ou em parcerias com prefeituras, com governos do estado, com o governo federal. Então, é uma coisa muito nova.

E mais novo ainda, para a gente notar a evolução dos tempos, é numa reunião como esta, estar o nosso companheiro Marinho, presidente da CUT, sem nenhum constrangimento, mas como companheiro sabedor de que os trabalhadores têm um papel importante na qualidade das coisas que nós produzimos hoje e, sobretudo, na qualidade dos produtos fabricados no Brasil.

Hoje, Marinho – o Alckmin estava junto comigo em Piracicaba – foi a terceira vez que eu ouvi, este ano, uma coisa que me deixa orgulhoso. Primeiro, foi o presidente da Mercedes Benz, em Genebra, quando disse, de público, a 240 empresários de 39 países, que de todas as empresas da Mercedes Benz do mundo, a empresa de melhor qualidade de produto, dos trabalhadores mais qualificados, era a Mercedes Benz do Brasil.

Depois, eu tive a oportunidade de em Nova Iorque ouvir da vice-presidente mundial da Ford, num discurso para mais de 600 empresários, a afirmação de que era inigualável a qualidade e a criatividade dos trabalhadores brasileiros da Ford. E ela estava entusiasmada com a criatividade do povo baiano, por conta da empresa Ford, em Camaçari. E, hoje, o Alckmin estava



presente, quando o presidente da Caterpillar fez questão de afirmar que, numa pesquisa feita em todas as empresas do grupo mundial, os trabalhadores mais qualificados, mais produtivos, são os trabalhadores da Caterpillar no Brasil. Se fosse só um que dissesse, ficaria em dúvida; se fossem dois, eu ainda ficaria em dúvida; mas três, já dá para começar a acreditar que parte do sucesso dos prêmios que todos esses empresários ganharam, tem um pouco a ver com os trabalhadores que ajudam as empresas deles a serem as boas empresas que são.

Portanto, meus parabéns aos premiados. Eu pensei que a Petrobras ia ganhar, porque, pelo lucro que ela teve, eu falei: ela vai ter que ganhar alguma coisa. Eu sei que muitas empresas que ganharam o prêmio participam do programa Fome Zero, participam do programa de alfabetização no país, portanto, eu quero, de público, reconhecer o que eu tenho dito em quase todas as vezes que me pronuncio. O Estado, sozinho, não será capaz de resgatar a dívida social acumulada neste país. Ou nós encontramos um jeito de envolver o conjunto da sociedade brasileira, como cúmplice de uma boa política para que encontremos as saídas, ou o Estado, sozinho, não dará conta. E eu, de pronto, sei que todos vocês e, outros tantos que não estão aqui, são cúmplices no sentido de encontramos um jeito de melhorar a vida do nosso país.

Eu até dizia, hoje, na Caterpillar: o Brasil já foi a oitava economia mundial. Vocês estão lembrados que a gente não dava muita importância quando se falava: “o Brasil já foi a oitava economia mundial. É a oitava economia mundial.” Depende da política cambial, a gente cresce ou não. O dado concreto é que quando nós éramos a oitava economia mundial, não tinha Grupo dos 8, era G-7, ou seja, quase que como um impeditivo para um país do terceiro mundo chegar lá. Nós, agora, caímos um pouco, mas eu sou otimista que a gente pode recuperar. Hoje, eu dizia que a gente sonha em ser a oitava, a sétima, a sexta, e eu espero que quando a gente for ganhando posições, que eles não diminuam, G-8, G-7, G-6, G-5, G-3, G-2, porque aí nós já vamos



imaginar que é (inaudível) e aí não dá para aceitar. Fazer igual àquele cidadão que pegou o nosso corredor ontem pelo pescoço, para evitar que ele ganhasse a medalha.

Então, meus parabéns a vocês, de coração, o meu reconhecimento pelo tanto que vocês trabalham e ajudam esse país a ser um motivo de orgulho para todos nós.

E eu queria, meu querido Mino, terminar o meu curto e breve discurso, falando um pouco contigo. E eu sempre achei que, no Brasil, toda vez que uma pessoa se destaca em alguma atividade, muitas vezes se forma verdadeiro pacto de mediocridade, para não deixar o mais inteligente crescer ou evoluir. Na política existe muito isso. E o Mino Carta é um daqueles jornalistas que as pessoas podem concordar, as pessoas podem achar que ele é um italianinho presunçoso, podem achar o que quiser, mas os jornalistas que estão aqui, os empresários que estão aqui e mesmo os políticos que já foram citados de forma crítica, na Carta Capital, têm que reconhecer que em poucos momentos da história do Brasil, o país teve um jornalista da qualidade do Mino Carta. Com certeza.

O Mino, que criou a revista Quatro Rodas, o Jornal da Tarde, a revista Veja, a revista IstoÉ, o Jornal da República, e nesse eu já estava mais por dentro da situação, e o Mino que criou a Carta Capital. Possivelmente, em muitos dos lugares em que o Mino passou, ele tenha perdido o emprego por ser mais competente que o seu chefe. E chefe tem um defeito de não querer ninguém mais competente que ele. Agora, o que é importante, Mino, é que mesmo nos momentos de maior adversidade, nos momentos em que a gente não tem tanta certeza de que a nossa revista vai vender o tanto que a gente gostaria de vender.

Eu lembro quando o comandante Rolim era vivo. O Rolim era daqueles que, de vez em quando, acordava de bom humor e ficava na porta do avião para receber a gente. E um dia eu perguntei para ele: Por que vocês distribuem



a Carta Capital dentro do avião da TAM? Ele falou: “não só para ajudar o meu amigo Mino Carta, mas também porque é uma revista que fala diretamente às pessoas que viajam no avião da TAM.”

Eu digo isso porque o Mino Carta tem no seu caráter, na sua teimosia da sangüinidade italiana, aquilo que para muitos parece defeito, eu acho que é uma virtude do Mino, ou seja, eu posso perder uma revista, um cargo, o emprego, e eu lembro quando você foi mandado embora da IstoÉ. A gente pode perder qualquer coisa, Mino, mas continue como você é, não perca a sua dignidade e o seu caráter, porque isso conta profundamente na nossa passagem pelo planeta Terra. Todo o resto é secundário. Quando eu fui cassado, em 1979, com 50 e poucos dias, a gente não tinha mais o Sindicato, esse homem, que eu até então não tinha nenhuma relação de amizade muito íntima com ele, me aparece no Sindicato dos Metalúrgicos, na verdade, na Igreja Matriz de São Bernardo do Campo e me oferece – para que os metalúrgicos pudessem continuar produzindo os seus boletins com a marca do João Ferrador, história em quadrinhos – uma offset, uma máquina que, para o tempo, era moderníssima. E graças àquela máquina, nós não só recuperamos o Sindicato, como continuamos no Sindicato por mais dois anos e depois fomos cassados definitivamente.

Mas eu acho Mino, que a Carta Capital, faz a diferença. E eu acho que é uma boa política não ter a preocupação ou a disputa eminentemente de mercado. Eu acho que é preciso pensar na qualidade da informação que o povo brasileiro recebe, principalmente, num momento em que, muitas vezes, o denunciamento tem prevalência sobre a notícia e sobre a informação. Continue com essa seriedade, porque o Brasil só tem a ganhar com isso.

Meus parabéns a você Mino Carta,

Meus parabéns a vocês e que Deus permita que a Carta Capital continue sendo a revista séria e necessária que é.

Obrigado!



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República**
